

OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA: DESAFIOS, PROBLEMÁTICAS E AVANÇOS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA ACERCA DOS SUICÍDIOS DOS NEGROS ESCRAVIZADOS NO MARANHÃO OITOCENTISTA

Carlos Victor de Sousa Ferreira¹

Os escravizados como seres sociais e atuantes de diversos processos históricos no Brasil escravista mantiveram diversas relações: concedendo, embargando, criando conflitos ou apaziguando. Dentre estes, o suicídio tem se configurando como campo de pesquisa de diversas áreas de pesquisas. Mesmo quando se quer definir ou compreender o momento que esses atores sociais decidiram não viver mais, e através da morte voluntária decidiram pôr termo as suas vidas.

No entanto, este tipo de comportamento é necessário para se compreender outras formas e configurações de relações sociais mantidas pelos escravizados. Pois, o suicídio desses tiveram diversificadas consequências, seja na relação senhor- escravo ou escravo e sociedade. Os historiadores munidos de uma miríade de documentos e fontes tem se aproximado cada vez mais dessas reverberações e na compreensão destes suicídios.

É preciso afirmar que a prática da morte voluntária foi compreendida, visualizada e obteve diversificadas significações, variando conforme os preceitos sociais e contextos históricos-culturais. A exemplo, na Melanésia, no grupo trobriandeses, podia estar relacionado como auto castigo ou reabilitação social de algum transgressor, sendo incentivado até pela própria comunidade. No Japão o suicídio não estaria atrelado a concepções de culpa ao agente social ou como pecado, mas foi compreendido até como uma questão ética por setores da sociedade (CANARIO, 2011, p. 22-23).

Se lançarmos olhares sobre o comportamento do Ocidente, conforme apontou George Minois (1998), tiveram comportamentos condenatórios e o que praticava a morte voluntária era considerado pecador aos olhos da fé cristã. Desse modo, é preciso situar o suicídio historicamente, e não apenas universalizá-lo ou naturaliza-lo, porém, compreender quem estava se matando, por quais motivos, de que forma, qual a concepção da sociedade sobre o ato ou a criada pelo suicida.

¹ Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Maranhão (PPGHIS/UFMA). Bolsista de Mestrado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA. Pós-Graduando (Lato Sensu) em Supervisão, Gestão e Planejamento Educacional pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESFMA), licenciado em História pela Faculdade Santa Fé/IDESP. Membro do grupo de pesquisa NEÁFRICA: Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre África e o Sul Global. E-mail: victorcarlos5@gmail.com

Esta experiência de pesquisa advém da pesquisa proposta ao mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde se objetiva desenvolver pesquisa acerca dos suicídios dos negros escravizados no Maranhão, observando a partir das *supostas experiências históricas* destes sujeitos: suas motivações, as justificativas das classes dominantes e suas reverberações dentro da sociedade.

Para tanto, utilizamos uma recorrente documentação do qual pretendemos que seja destrinchada ao longo do artigo, tais como jornais, óbitos, registros policiais, corpos de delitos, cartas e correspondências entre autoridades. São nestes intercruzamentos de documentações que tentamos estabelecer os nossos objetivos.

Este artigo se concentrará em refletir sobre as experiências na escrita e na realização desta pesquisa, observando as limitações e as possibilidades das documentações quando se tratam de suicídios. Problematizaremos o nosso embasamento teórico e historiográfico, analisando a literatura maranhense a cerca desta temática, onde pontuaremos os avanços e desafios.

Dessa forma, estruturamos o artigo assim: no primeiro momento demonstraremos as eventualidades e as motivações para a realização da pesquisa, atrelado a isto, analisou-se a historiografia nacional e especificamente a regional. Segundo, analisaremos os estorvos e problemas das nossas documentações, como acessibilidade ou dificuldades para a análise sobre os suicídios.

Pelos meandros do suicídio: a pesquisa de fazer lembrar-se dos que se mataram

O ofício de dez de janeiro de 1850 do Chefe de Polícia do Maranhão ao Presidente da Província constava mais uma tentativa de suicídio de um escravizado. Provavelmente cansado da vida no cativeiro ou das adversidades que a vida escrava sempre pregava a aqueles que eram “desprovidos” de liberdade. Conforme consta na respectiva correspondência informada pelo Almojarife da Santa Casa de Misericórdia, segundo o documento, a mulata Veridiana, escrava de D. Constância Maria de Cerqueira Pinto Nunes, após conseguir ter alta do hospital da Santa Casa de Misericórdia, apossou-se de uma faca velha e golpeou a própria garganta.

Após este ato, mandou o subdelegado da Freguesia da Conceição observar o fato e realizar o corpo de delito na escravizada, que não conseguiu concluir o intento².

Dentre as diversas considerações e alegações relacionadas ao caso da escravizada, o subdelegado constou em sua correspondência possíveis indícios das motivações que fizeram a escravizada a optar por não viver mais. Estas informações são de suma importância para se compreender a tentativa da escravizada, ainda que a fonte seja de cunho “oficial” ou institucional, mas através das entrelinhas podem-se fazer algumas considerações sobre este caso.

(...) tentara se suicidar-se por ouvir dizer que havia ter alta para ser entregue a sua senhora de cujo poder tenha sido tirada no dia 4 de setembro do ano passado, por causa das bárbaries horrorosos castigos por sua senhora empregado na referida Veridiana, duas escravas dos quais atos hoje não está curada e já se vesse na referida mulata algumas deformidades, provenientes destes desumanos castigos vim no conhecimento de que realmente tentou suicidar-se com uma faca de mesa velha (...)

3

Através desta nova documentação entram uma nova personagem que é fundamental para compreensão da tentativa de suicídio da escravizada. A proprietária da escravizada é peça chave para compreensão das motivações que levaram a mesma a tentar cometer tal ato. Podendo ser confirmado através das “*barbáries horrorosos castigos por sua senhora empregado na referida Veridiana*”. Este fato pode ser confirmado devido a mesma escravizada, aquele momento, está tendo alta do Hospital da Santa de Misericórdia e, além do mais, já era possível “vesse na referida mulata algumas deformidades”, notórias marcas dos castigos empregado pela senhora de Veridiana.

Averiguamos que apesar de estar novamente apta para exercer sua função estabelecida pela sociedade, como escravizada e propriedade de alguém, entretanto, Veridiana encontrava agora no suicídio uma das soluções para seus infortúnios em vida. Não querer mais está mais nesse mundo, devido às agressões e castigos de sua senhora pode ser uma de suas motivações para tentativa do ato.

É sobre esta e tantos outros escravizados que alguns pesquisadores têm se dedicado a vislumbrar sobre as práticas suicidas desses sujeitos históricos. Como demonstrado no caso de Veridiana, o ato traz diversas consequências humanas, psicológicas, sociais e coloca em xeque as diversas proposições que foram afirmadas sobre os escravizados em linhas

² MARANHÃO, Secretária de Polícia do Maranhão. Ofício 10 de Janeiro de 1850 do Chefe de Polícia do Maranhão para o Presidente da Província. APEM. Setor de Códices. Livro 1869, Fl. 65 doc. 10.

³ MARANHÃO, Secretária de Polícia do Maranhão. Ofício 10 de Janeiro de 1850 do Subdelegado de Polícia do 2º distrito da capital ao Chefe de Polícia do Maranhão. Documentos Avulsos. APEM.

historiográficas precedentes, a exemplo as que criaram a teoria do escravo-coisa. Que em linhas gerais, propôs que esses só deixavam de ser “coisa” mediante à resistência. No entanto, o se suicidar demonstra o lado humano dos escravizados e suas revoltas perante a vida tirana dentro da sociedade escravista.

Deste modo, não compreendemos o suicídio como sinal de fraqueza do escravizado ou apenas um ato de resistência extrema, e nem tão pouco um comportamento apenas individualizado, mas pertencente a um contexto social e cultural. Pois, entendemos que os indivíduos sociais não podem ser eximidos do contexto que está inserido, neste sentido um modo relacional entre o privado e o público. Neste sentido, concordamos com Pedrinho Guareschi: “É singular e, ao mesmo tempo, múltiplo. É esse o social que constitui o processo de mediação na complexidade entre o mundo interno e externo, entre o individual e o coletivo, entre o psíquico individual e a realidade psíquica social externa” (GUARESCHI, 2012, p. 41).

Pensando desse modo que se tenta analisar as documentações acerca dos escravizados suicidas. No Maranhão encontramos embora isoladamente, ainda que não de forma aprofundada, mas profícua e de extrema relevância algumas pesquisas sobre a temática. Elencamos três pesquisas que tangem a abordagem desta temática.

Josenildo Pereira (2001) defendeu sua dissertação de mestrado pela Universidade Católica de São Paulo, cujo tema “**Na Fronteira do cárcere e do Paraíso: um estudo sobre as práticas de resistência escrava no Maranhão oitocentista**”. Dentre as práticas de resistência por ora analisadas pelo autor, no capítulo “**Suicídios de escravos: um direito sobre a vida**”, teceu sobre três casos de escravizados que optaram pela morte voluntária. Suas ponderações estão sobre a prática ser uma forma de liberdade criada pelo escravizado, além de que com o ato demonstrar, no final de tudo, ser o único dono de seu corpo.

A frente Daylana Cristina em 2010 defendeu sua monografia “**Vivências escrava na cidade: experiências de liberdade em São Luís (1870-1888)**”, em um capítulo dedicado ao suicídio dos escravizados também observa o suicídio como construção de liberdade. E ainda em 2010 acena para a necessidade de um aprofundamento maior do caso, visto que no Maranhão ainda sim havia uma nebulosa e carente experiência historiográfica sobre as práticas suicidas dos escravizados, analisou três casos onde a autora obteve algumas considerações, como demonstrar que o escravizado mesmo pelo suicídio alcançava sua liberdade, embora de forma extrema.

Por fim, “**Entre dramas e humor:** representações do suicídio nos jornais Diário do Maranhão e Pacotilha (1880 – 1900)”, foi desenvolvida por Luciana Sousa em 2014, a autora analisou as mortes voluntárias que foram encontradas no Jornal Diário do Maranhão e no Pacotilha, embora não tenha analisado apenas os casos sobre os escravizados, mas de livres, libertos, livres pobres e estrangeiros, dentro de seus documentos analisados encontramos um número significativo de escravizados e ex escravizados que se suicidaram entre as duas décadas. Uma das conclusões da autora é que houve uma diferenciação no modo como foi tratado os casos a partir da classe que o suicida se encontrava. Nas classes mais abastadas foi possível notar maior consternação, lamentação e recheados de melodramas⁴. Entretanto, as classes mais abastadas não ganhavam tanta comoção assim, os motivos a sua maioria nem eram narrados, além de que grande parte das causas consideradas pelos jornais as classes mais baixas segundo a autora:

No Pacotilha e nos registros das delegacias e subdelegacias de polícia de São Luís, o uso da diamba e do álcool como causa de suicídio é atribuído a indivíduos das camadas populares, identificados como negros, pardos, escravos, pobres, vadios ou trabalhadores, a quem se imputava a autoria de distúrbios e desordem, “males” resultantes de vícios (SOUSA, 2014, p. 65).

As notícias mais comuns aos escravizados eram diretas e de cunho mais informativo:

Hontem, as 8 horas da noite na ocasião em que ia embarcar para a fazenda de seu senhor o escravo Manoel, de propriedade do Sr. Joaquim Fabio de Lago, tentou o dito escravo suicidar-se com uma navalha, chegando ainda a ferir-se no pescoço. O instrumental foi tomado por um outro escravo que se achava também preso (Pacotilha, 14 de Fevereiro de 1883, p. 2).

Destacamos assim algumas considerações acerca do suicídio do escravizado, como o horário a que aconteceu o fato, a identificação de seu nome (visto que alguns casos nem nomeados os escravizados são), seu senhor e proprietário, o instrumento utilizado e como foi impedido o fato. Apesar disso, não encontramos outros documentos que afirmem sobre as motivações que levaram o escravizado a tomar tais atitudes.

Desse modo, pensando na realidade do Maranhão e na historiografia nacional, acenamos para o estado ainda embrionário da análise dos casos que envolvem os escravizados na província maranhense, necessitando de aprofundamentos maiores acerca desta temática, que englobem outros diversos casos e suas possíveis motivações. Uma vez que os

⁴ Tipo de narrativa sobre suicídios, crimes passionais e outros episódios prodigiosos, carregada de melodrama, confundindo ficção e realidade era conhecida no jornalismo como *fait divers*. IN Sousa, 2014, p. 49.

escravizados faziam parte das dinâmicas sociais e suas mortes implicavam diversas consequências ao poder econômico, de direito e social de seus senhores.

Outros estados como Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro e outras cidades já é possível encontrar uma vasta historiografia sobre o tema. A exemplo, Jackson Ferreira desenvolveu na Bahia a sua dissertação de mestrado “Loucos e pecadores: suicídio na Bahia no século XIX” (2004), no Pernambuco Ezequiel Canário também em sua dissertação de mestrado “É mais uma cena da escravidão”: Suicídios de escravos na cidade do Recife, 1850-1888 (2011), analisou as representações das mortes voluntárias dos escravizados nas diversas documentações e inclusive na literatura.

Ademais o eixo Rio de Janeiro e São Paulo com a Mary Karasch em “A vida de escravos no Rio de Janeiro” (2000) e “O suicídio de Escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão” desenvolvido por Saulo Oliveira e Ana Maria Oda, estes dois últimos partem da perspectiva da história das ciências médicas. Pesquisas que são fundamentais para compreensão das práticas suicidas e que servem de modelo para análise dos escravizados no Maranhão.

Sobre esta historiografia, Fábio Lopes afirma em um levantamento realizado em meados da década de 90, que as pesquisas eram desenvolvidas principalmente no campo das saúdes mentais, e no campo da História ainda não tinham desenvolvidos pesquisas sobre. Porém, 15 anos após esse primeiro levantamento, destaca o crescimento de estudos em grande parte dos estados brasileiros com diversas perspectivas de análise, a exemplo: o suicídio como fato histórico; as representações da morte voluntária; os sentidos de morrer; experiências e discursos. Sendo tema de pesquisa dos diversos níveis acadêmicos e campos científicos (LOPES, 2014, p. 33).

Acreditamos que o motivo da pesquisa tardia acerca dos suicídios dos escravizados está por se tratar de um ato de resistência individual e por incidir um impacto de menor proporção para a modificação do sistema escravista, geralmente foi analisado em pequenas brechas na história sendo apenas citado de forma simples, em geral atrelado aos atos de resistências e estratégias maiores como quilombos e insurreições, inclusive na historiografia maranhense.

Entretanto, acenamos para a necessidade da inclusão deste tipo de discussão e de vivência escrava na comunidade acadêmica maranhense. É preciso historicizar a prática suicida, observando suas implicações no meio social e notabilizar sobre as condições de vida a que muitos negros escravizados foram submetidos.

“Procurão com a morte pôr termo aos seus sofrimentos”⁵: os documentos e os casos dos escravizados suicidas no Maranhão.

Em 13 de Abril de 1847 o presidente da província do Maranhão Francisco Xavier Paes Barreto pontuou em seu relatório as possíveis causas que levaram os escravos a optarem ao suicídio: “... a respeito dos suicídios não será difícil explicar [...] esses infelizes sujeitos à duros e constantes trabalhos, e muitas vezes seviciados horrivelmente por senhores poucos humanos, [...] procurão com a morte pôr termo a seus sofrimentos.”⁶ O presidente da província notifica as condições e as vivências escravas, que para ele podem ter sido os principais fatores que levaram os escravos ao suicídio.

Embora uma fala oficial, de alguém ligado ao governo imperial, mas a sua atitude de compreender o se suicidar dos escravizados demonstra em alguns momentos houve a preocupação sobre as condições dos escravizados.

Assim como essa acima citada, documentação que embasa esta pesquisa advém de diversas estâncias dos arquivos maranhenses, abordamos e analisamos jornais da época (principalmente *O Publicador Maranhense*, *Diário do Maranhão* e *Pacotilha*, todos tinham notória circulação no estado do Maranhão) que noticiavam alguns casos ocorridos no Maranhão, seja na seção de polícia, que era a mais comum, ou na seção “Mortalidade” e “Estatística”, desse modo os suicídios desses sujeitos ganhavam notório domínio público entre as classes leitoras do Maranhão. Alguns casos eram noticiados desta forma:

Estatística

Mandou-se proceder o corpo de delicto no cadáver do preto João, escravo de Licinio Jansen Muller, que foi encontrado enforcado em casa do seu senhor. (Publicador Maranhense – 04.09.1862)

Mortalidade

Pedro escravo do Dezembargador Tiburcio Valeriano da Silva Tavares – ignora-se a idade – África – enforcado. (Publicador Maranhense 0 10.12.1853)

Grande parte destes jornais podem ser acessados na Biblioteca Pública do Estado Benedito Leite ou serem consultados pela plataforma Hemeroteca. Apesar de poucos indícios e informações dos jornais sobre os casos, eles são utilizados no intercruzamento das fontes, onde se podem encontrar possíveis informações que outros documentos não abordam ou

⁵ Tomamos emprestada a fala do presidente da Província do Maranhão Francisco Xavier Paes Barreto, por demonstrar, parcialmente, alguns posicionamentos acerca dos comportamentos suicidas dos escravizados no Maranhão. MARANHÃO, Relatório datado de 13 de abril de 1847. APEM/São Luís: MA apud PEREIRA, 2001, p. 99.

⁶ MARANHÃO, Relatório datado de 13 de abril de 1847. APEM/São Luís: MA apud PEREIRA, 2001, p. 99.

trazem consigo.

Embora o suicídio não fosse considerado um crime pelas leis imperiais, como ocorreu em outras localidades do mundo (MINOIS, 1988), e como assevera Luciana Sousa o crime só era constado para quem auxiliasse ou ajudasse o pretensioso a cometer o ato (SOUSA, 2014, p. 35), entretanto, é nas páginas da polícia civil do Maranhão que se pode encontrar o maior número dos suicídios dos escravizados, sobretudo no Fundo de Polícia Civil no setor de códices do Arquivo Público do Maranhão.

Nas correspondências policiais, entre chefes de polícia e presidente da província ou subdelegados, nelas são considerados os primeiros procedimentos, a motivação da morte, o método utilizado pelo escravizado, local, seu dono e dentre outras informações.

Até o presente momento foram catalogados 34 casos de suicídios de escravizados, através da documentação policial identificamos alguns quesitos relacionados à prática suicida. Como as motivações, 3 casos foram justificados pelas sevícias e castigos praticados pelos seus senhores, 2 eram relacionados com problemas com a justiça e alguns eram prisioneiros das cadeias públicas do Maranhão, 2 foram por problemas relacionados a saúde mental, nesse caso a alienação seria a principal causa e, 1 caso foi registrado como resistência a venda, do qual o escravizado não queria ser vendido e por isso tirou sua própria vida.

Além disso, é possível averiguar o método utilizado pelo escravizado, a forma como este conseguiu se matar. 16 casos foram por enforcamento, 6 por afogamento, 2 para cada: veneno e arma branca e 3 precipícios, alguns casos não trazem a forma como o escravizado se matou. Os 7 casos que não foram identificados o método, podem ter sido por diversas motivações, dependendo do tipo de documentação alguns eram apenas informativos, e só quando já havia completado o corpo de delito que se afirmava a causa do suicídio seguido de seu método.

Nossa documentação é dispersa, e pesquisando entre as décadas de 1840 a 1888 foi possível notar uma variação quanto ao tempo que ocorreram os casos, alguns foram distantes um do outro ou muito próximo em dias ou meses. Definimos pelas décadas acima citada desta forma: 1840 foram 12 casos ocorridos, em 1850 foram 10, 2 casos encontrados em 1860, a década de 1870 tiveram 5 casos e a última década da escravidão foram 8. Acreditamos que este número ainda é ínfimo, pelo fato da pesquisa ainda se encontrar em desenvolvimento, desse modo, provavelmente este número possa ser maior.

Os documentos policiais a qual estamos nos retratando acima tem sido a principal fonte para compreendermos o suicídio dos escravizados, neles ainda se compõem auto de

perguntas, corpo de delitos ou cartas trocadas pelas autoridades policiais, além do Livro de Crimes e Fatos Notáveis, onde mapeamos grande parte dos casos aqui demonstrados.

Por outro lado, o registro dos Livros de Óbitos das diversas freguesias do Maranhão tem contribuído para a compreensão do modo como alguns escravizados foram enterrados, mesmo após se suicidarem. É o caso do escravizado Narciso que deu cabo a própria vida, aos trinta anos de idade, no dia vinte e sete do mês de maio de mil oitocentos e sessenta e oito:

[...] faleceu da vida presente, suicidado, com trinta anos de idade, Narciso, natural desta cidade, escravo de Moyses Benedicto, solteiro o qual envolto no habito de Nossa Senhora das Mercês, e foi encomendado e acompanhado por mim e capelães cantores da Catedral, ao cemitério da Santa Casa da Misericórdia para ser inhumado.⁷

Este escravizado apesar de ter se suicidado, quebrando a lógica da vida cristã, de que Deus era o único que poderia dá e tirar a vida, este foi envolto do habito de Nossa Senhora das Mercês, além de acompanhado pelos capelães cantores da Catedral até o cemitério. Percebemos que Narciso não era mais apenas um pecador, que lhe deveria negar o enterro em solo sagrado, como ocorreu até a primeira metade do século XIX⁸.

Diante deste pequeno esboço de documentos concordamos com Kátia Mattoso, que afirma: “Inútil *a priori* um modelo único; convém estudar previamente as múltiplas formas da condição escrava no Brasil” (MATTOSO, 1988, p. 99). Os negros escravos brasileiros estiveram sob diversas condições: pacíficas, rebeldes, amorosas, agressivas e etc. Tentar compreender as motivações para o intento suicida pode nos trazer afirmações precipitadas se não tivermos cuidados com a documentação, uma vez que grande parte dos suicidas não deixaram cartas ou indícios de motivações para a prática, o que temos são os documentos abordando os casos. O que se pode encontrar são especulações, fala de vizinhos, auto de perguntas de testemunhas ou até do depoimento dos que tentaram o suicídio, porém não conseguiram.

Depreendemos algumas considerações sobre os casos através das entrelinhas das documentações, do não dito, e partindo do âmbito do provável, pois definir as vontades de sujeitos históricos pouco afeitos com a escrita ainda é estorvo para diversos historiadores. O que nos resta é o intercruzamento das fontes e documentos, que abordam os casos de

⁷ MARANHÃO, Livro de Registro de Óbitos da Freguesia de N. S. da Vitória da Igreja Catedral da Sé. Livro nº 13 (1868/1886), p. 8 – APEMA.

⁸ Ver: VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* feitas e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo D. Sebastião Monteiro Vide: Senado Federal, Conselho Editorial, p. 299-301. Dentro das *Constituições Primeiras*, em seu título LVII, havia um quesito aconselhando “*Das pessoas que se deve negar a sepultura eclesiástica*” e dentre estas se encontrava os suicidas.

diversificadas formas, ademais a interdisciplinaridade fazendo uso de ciências como a Sociologia, Antropologia, Psicologia e a Psiquiatria podem dá chaves analíticas para compreensão e problematização destes sujeitos silenciados por sua vontade de não viver mais.

Considerações Finais

A pesquisa acerca dos suicídios dos escravizados no Maranhão ainda é campo a serem desbravados e aprofundados por historiadores e demais pesquisadores. Estes casos carecem de atenção para observamos um tipo de comportamento dos escravos que eram seguidos de diversas consequências para a sociedade e seus proprietários.

A documentação apesar de vasta, porém dispersa, necessita de novos olhares e reconstrução das histórias desses sujeitos que optaram pela morte voluntária. Embora envolta de estorvo e incerteza, por não termos falas concretas dos escravizados, entretanto, suas nuances e não dizeres chegaram até nós. Pois era preferível morrer, a que viver sobre o arbítrio de seus senhores.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Elizabeth Sousa; BARROSO JUNIOR, Reinaldo dos Santos (org.). **O Maranhão e a Escravidão Moderna** – São Luís: EDUEMA, 2016.

AMOGLIA, Ana Maria Faria. **Um suspiro de Liberdade**: suicídio de escravos no município de Juiz de Fora (1830-1888). Disponível em: historia_demografica.tripod.com Acesso em: 28/11/17.

BASTIDE, Roger. **Os suicídios em São Paulo**, segundo a cor. Boletim de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, USP, n. 71.

CANARIO, Ezequiel David do Amaral. **“É mais uma cena da escravidão”**: Suicídios de escravos na cidade do Recife, 1850-1888/ Ezequiel David do Amaral Canário - Recife: o autor, 2011.

CHALOUB, Sidney. **Visões de Liberdade**. Companhia das Letras, 1990.

FERREIRA, Esmênia Miranda. **Os escravos e o imaginário social**: as imagens da escravidão negra nos jornais de São Luís (1830-1850). Monografia (Graduação em História-UEMA), São Luís, 2007.

FERREIRA, Jackson. **Por hoje se acaba a lida**: suicídio escravo na Bahia (1850-1888). Afro-Ásia, núm. 31, 2004, pp. 197-234; Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil.

GALVES, Marcelo Cheche; COSTA, Yuri (org.). **O Maranhão Oitocentista** – 2ª ed. Revista e ampliada. São Luís: Café e Lápis; Editora UEMA, 2015.

GOULART, José Alípio. **Da fuga ao Suicídio: Aspectos da Rebeldia dos Escravos no Brasil**. Rio de Janeiro, Conquista, 1972.

GUARESCHI, P. **O que é mesmo psicologia social?** Uma perspectiva crítica de sua história e seu estado hoje. In: Jacó- Vilela., SATO, L., (orgs.). *Diálogos em psicologia social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012, p. 41.

KARASCH, Mary C. **A vida de escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOPES, Daylana Cristina da Silva. **Vivências Escrava na cidade: a luta pela liberdade em São Luís (1870 – 1888)**. In: ABRANTES, Elizabeth Sousa; BARROSO JUNIOR, Reinaldo dos Santos (org.). **O Maranhão e a Escravidão Moderna** – São Luís: EDUEMA, 2016.

_____. **Vivências escrava na cidade: experiências de liberdade em São Luís (1870-1888)** (Monografia) – UEMA, 2010.

LOPES, Fábio Henrique Lopes. **A experiência do suicídio: discursos médicos no Brasil, 1830-1900**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2003.

_____. **Sentidos da morte e do morrer na Ibero – América**. Eduerj, Rio de Janeiro, UERJ, 2014.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser Escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MINOIS, Georges. **História do Suicídio**. A sociedade ocidental perante a morte voluntária. Tradutor Serafim Ferreira. Lisboa: Teorema, 1998.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Edusp. 2004.

OLIVEIRA, Saulo Veiga; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **O suicídio de Escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.371-388, abr.-jun. 2008.

PEREIRA, Josenildo de Jesus. **Na fronteira do cárcere e do paraíso: um estudo sobre as práticas de resistência escrava no Maranhão oitocentista** – Pós-Graduação em História, PUC/SP, São Paulo, 2001 - Dissertação (Mestrado).

_____. **A vida de escravos: Trabalho cotidiano no Maranhão do século XIX**. In: ABRANTES, Elisabeth; BARROSO, Reinaldo (org.). **O Maranhão e a Escravidão Moderna** – São Luís: Eduema, 2016.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito: A resistência Negra no Brasil Escravista**. São Paulo. Cia. Das Letras, 1989.

RODRIGUÊS, Bruno Pinheiro. **O suicídio de escravos em Cuiabá na segunda metade do século XIX**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1279.pdf> Acesso em: 30/11/17.

SOUSA, Luciana Costa da Silva. **ENTRE DRAMAS E HUMOR: representações do suicídio nos jornais Diário do Maranhão e Pacotilha (1880 – 1900)**. (Monografia) – UFMA, 2014.

VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial**. História brasileira 8. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **A última fuga: suicídio de escravos no Rio de Janeiro (1870-1888)**. LPH – *Revista de História*, Mariana, v.1, n.1, p.80-89. 1990.